



ORIENTE MÉDIO

Sinal verde para atacar

Secretário da Defesa dos EUA, Lloyd Austin, anuncia que Washington aprovou planos de "resposta em vários níveis" à milícia xiita apoiada pelo Irã que matou três soldados americanos, na Jordânia. Ofensivas devem ocorrer na Síria e no Iraque

» RODRIGO CRAVEIRO

Delil Souleiman/AFP



Soldados dos Estados Unidos patrulham a cidade de Tal Hamis, na província de Hasakeh, no nordeste da Síria: alvos de grupos ligados a Teerã

Comando militar dos Estados Unidos aprovou os planos de uma série de ataques contra alvos iranianos no Iraque e na Síria, em retaliação à morte de três soldados norte-americanos em um bombardeio à Torre 22, uma base localizada no nordeste da Jordânia. A informação foi primeiro divulgada pela emissora CBS News, que citou fontes do governo, e confirmada pelo secretário da Defesa, Lloyd Austin. "Teremos uma resposta em vários níveis e capacidade de responder várias vezes, dependendo da situação. Nós puniremos as pessoas responsáveis e buscaremos retirar a capacidade delas", declarou o chefe do Pentágono. Segundo a CBS News, os ataques ocorrerão durante vários dias e terão início tão logo as condições climáticas permitam.

Austin sublinhou que os EUA não buscam uma escalada de tensão no Oriente Médio, um indicativo de que uma ação direta contra Teerã estaria fora de cogitação. "Existem maneiras de gerenciar isso para que não saia do controle, e esse tem sido nosso foco o tempo todo", assegurou o ministro. Não está claro se os planos de retaliação foram aprovados diretamente por Joe Biden, apesar de a autorização de ações militares no exterior ser uma prerrogativa do presidente.

A Casa Branca confirmou, na quarta-feira, que a Resistência Islâmica no Iraque foi a responsável por lançar três drones contra bases na Síria, inclusive perto da fronteira com a Jordânia. Um dos drones teria explodido sobre o alojamento de soldados na Torre 22. Formado por uma aliança de grupos armados associados ao Irã, o movimento extremista exige a retirada das tropas norte-americanas do Iraque e rejeita o apoio a Israel em

sua guerra contra o Hamas, na Faixa de Gaza.

Fundador do Conselho Nacional Iraniano-Americano, Trita Parsi admitiu ao **Correio** que há muita pressão sobre Biden para que realize algum tipo de resposta militar às baixas na Torre 22. "Mas, se o presidente procura evitar a intensificação de violência, sua resposta deve ser proporcional e contrária às milícias, combinada com um cessar-fogo em Gaza. Essa última é considerada crítica. Enquanto não houver uma trégua em Gaza, os

ataques às forças dos EUA prosseguirão", advertiu. Ele acredita que Teerã não escalará a situação, caso os EUA atinjam milícias pró-Irã no Iraque ou na Síria. No entanto, ressaltou que a redução das tensões depende da suspensão dos combates no enclave palestino.

Por sua vez, Michael Butler, professor de ciência política da Clark University (em Worcester, Massachusetts), afirmou à reportagem que é "indiscutível" que as milícias do chamado "eixo de resistência", envolvidas no atentado à Torre 22, são "representantes do Irã". "Nesse

sentido, tecnicamente, o Irã está 'por trás' do ataque. No entanto, é importante lembrar que os atores representantes quase sempre agem de forma independente; ocasionalmente, até em desacordo com seus patrocinadores", observou. "As milícias xiitas buscam punir os EUA por seu apoio a Israel em Gaza."

Butler espera uma "escalada calibrada", a fim de infligir "custos significativos" ao Irã, sem atacar diretamente alvos militares de alto valor dentro do território iraniano. "Suspeito que os produtores

de drones e as linhas de abastecimento possam estar na mira", disse. "Neste momento, descarto um ataque direto dos EUA contra a Guarda Revolucionária Islâmica. Fazer isso significaria saltar níveis, em termos de escalada, o que pareceria fora do normal, em comparação ao modo como o governo Biden tem atuado."

lêmen

As forças dos Estados Unidos anunciaram que derrubaram 10 drones e um míssil lançados

Eu acho...

Arquivo pessoal



"Vejo duas narrativas exageradas. A narrativa iraniana, segundo a qual Teerã não tem controle sobre as milícias e, por isso, agem de forma completamente independente. E a narrativa dos EUA, que vê as milícias nada mais como aliadas do Irã. A verdade está em algum lugar no meio delas. O Irã tem influência sobre as milícias, mas não um controle absoluto. E não está claro se o Irã tem ciência de todos os ataques promovidos pelas milícias, muito menos se dá luz verde a essas operações."

Trita Parsi, fundador do Conselho Nacional Iraniano-Americano

pelos rebeldes separatistas huthis no Iêmen, atacaram uma estação de controle no país e destruíram três drones iranianos. De tendência xiita, os huthis também receberiam apoio do Irã. Em novembro, eles iniciaram uma série de ataques contra navios comerciais no Mar Vermelho, em resposta à campanha militar na Faixa de Gaza. Os alvos seriam embarcações relacionadas de alguma forma a Israel. O Mar Vermelho é um dos mais importantes corredores comerciais do mundo.

Em nota, o Comando Central (Centcom) dos Estados Unidos informou que as tropas atacaram, pela manhã, no Iêmen, uma "estação huthi de controle terrestre de drones e 10 drones unidirecionais, que representavam uma ameaça iminente para navios comerciais e navios da Marinha dos Estados Unidos no região".

EUA sancionam colonos da Cisjordânia

Em uma ação inédita, o governo dos Estados Unidos sancionou quatro colonos judeus israelenses acusados de atos de violência contra civis palestinos na Cisjordânia ocupada. Na ordem executiva, o presidente Joe Biden escreveu que "a situação no território — em particular com altos níveis de violência extrema dos colonos, deslocamento forçado de pessoas e destruição de vilarejos e propriedades — atingiu índices intoleráveis e constitui grave ameaça à paz, à segurança e à estabilidade da Cisjordânia, de Gaza, de Israel e do Oriente Médio".

A ordem executiva estabelece o bloqueio de todas as propriedades e ativos nos Estados Unidos do grupo-alvo. Os americanos também ficam proibidos de fazer transações financeiras com essas pessoas. Entre

os israelenses sancionados, estão David Chai Chasdai, da localidade de Huwara, acusado de distúrbios que provocaram a morte de um palestino; e Yinnon Levi, que teria liderado um grupo de colonos que atacaram civis palestinos e beduínos, queimando suas lavouras e destruindo suas propriedades.

O governo do primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, classificou a decisão dos EUA como "descabida". "A absoluta maioria de colonos da Judeia e Samaria (Cisjordânia) são cidadãos que respeitam a lei, e muitos combatem atualmente na defesa de Israel. Israel atua contra todos os que violam a lei em todas as partes", afirmou o gabinete. "Israel age contra todos os violadores da lei em todos os lugares. Portanto, não existe lugar para medidas drásticas sobre esse

assunto." A imposição de sanções contra colonos judeus é um elemento a mais no tensionamento das relações entre Israel e EUA, aliados históricos. O presidente Biden chegou a criticar abertamente a morte de civis em bombardeios na Faixa de Gaza.

Especialista em relações EUA-Israel da Universidade Bar-Ilan (em Ramat Gan, subúrbio de Tel Aviv), Eytan Gilboa disse ao **Correio** que a manobra de Washington está ligada a "problemas eleitorais de Biden", não à situação na Cisjordânia. "Israel é uma democracia, tem uma autoridade independente de aplicação da lei e um sistema judiciário que processa e pune qualquer pessoa que infrinja a lei, incluindo os colonos na Cisjordânia", afirmou. "O ex-presidente Donald Trump está derrotando Biden em todas

as pesquisas, e a opinião pública está dando a democrata uma baixa avaliação por sua performance. Biden está sob pressão dos chamados 'progressistas' e de muçulmanos do Partido Democrata para apoiar a guerra de Israel contra os terroristas do Hamas em Gaza. Nesta quinta-feira, Biden visita o estado de Michigan, onde muitos muçulmanos ameaçaram não votar nele, a menos que ele pare de apoiar Israel. As sanções desnecessárias destinam-se a reconquistá-los."

Trégua em Gaza

O Hamas deu uma "confirmação preliminar positiva" a uma proposta de trégua e de libertação de reféns em Gaza. Segundo o governo do Catar, Israel teria aprovado o plano. Apesar do aval inicial

Mahmud Hams/AFP



Palestino ostenta bandeira perto de pneus em chamas, em protesto a leste de Gaza

do movimento extremista palestino, o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores do Catar, Majed al Ansari, alertou que "o caminho que ainda temos a percorrer é muito difícil". "Mas estamos

otimistas, porque as duas partes aceitaram as premissas que levaram a uma pausa (nos combates). Esperamos estar em condições de anunciar boas notícias nas próximas duas semanas", declarou. (RC)

COLÔMBIA

Ameaças de rebeldes confinam 25 mil pessoas na Amazônia

Luis Robayo/AFP



O presidente Gustavo Petro prioriza diálogo com guerrilhas

Cerca de 25 mil pessoas estão confinadas há 11 dias e correm o risco de ficar sem alimentos em comunidades indígenas da Amazônia colombiana no departamento de Caquetá (sudeste), devido a ameaças das dissidências das Farc, informaram as autoridades colombianas. Com panfletos, áudios e vídeos divulgados nas redes sociais, rebeldes amedrontam os habitantes dos municípios Solano e Milán e os problem de se deslocar,

causando desabastecimento.

Em entrevista à Blu Radio, Francisco Ruiz, governador do departamento (estado) de Caquetá, disse que as 25 mil pessoas "estão isoladas pelas restrições nos rios em uma área onde o único acesso neste momento é por via aquática". Nos últimos 10 dias, apenas duas pessoas puderam entrar "duas barcasas (...)" com alimentos não perecíveis", que foram distribuídos no centro urbano do município de

Solano e em comunidades próximas, acrescentou. De resto, "a movimentação do transporte comercial é zero", detalhou.

Devido ao confinamento, os medicamentos e outros produtos começam a ficar indisponíveis. "Estão acabando a comida, o sabão, o sal e os medicamentos", disse à agência France-Presse uma líder comunitária que preferiu não se identificar. "Sentimos medo, angústia, aflição. Não consigo

mais dormir", denunciou. "É muito perigoso sair", acrescentou em entrevista telefônica.

Segundo o governador Ruiz, "um confronto é iminente" na região entre o Estado Maior Central (EMC) e a Segunda Marquetalia, dissidentes da guerrilha que assinou um acordo de paz em 2016. O presidente Gustavo Petro, o primeiro esquerdista a governar a Colômbia, quer acabar com seis décadas de conflito

armado por meio do diálogo com todos os grupos armados.

O EMC é a maior organização dissidente das antigas Farc, com cerca de 3.500 combatentes, e conversa com delegados de Petro desde outubro, sob um cessar-fogo pactuado até julho. Por sua vez, a Segunda Marquetalia tem aproximadamente 1.600 homens sob o comando do ex-número dois das Farc, Iván Márquez, que retomou as armas em 2019.